

# SONDAGEM ARQUEOLÓGICA NO POVOADO DA IDADE DO BRONZE DO SENHOR DOS AFLITOS (AROUCA, CENTRO-NORTE DE PORTUGAL)

**António S. P. Silva**

Centro de Arqueologia de Arouca. Bolseiro de Doutoramento da Fundação  
para a Ciência e Tecnologia na Universidade de Santiago de Compostela.

**Paulo A. P. Lemos**

Centro de Arqueologia de Arouca.

## RESUMO

O monte do Senhor dos Aflitos (Alvarenga, Arouca) é um sítio de altura, com grande domínio visual para o território envolvente, dotado de uma estrutura de delimitação pétreia de tipo ciclópico, com ocupação atribuída aos finais da Idade do Bronze. Outras evidências de ocupação anterior são também visíveis, nomeadamente um pequeno menir fálico e uma sepultura megalítica. Apresenta-se este sítio arqueológico com referência à sondagem arqueológica ali realizada em 2007, cujos resultados se encontram inéditos, e em natural relação com outros sítios coevos da região.

**Palavras-chave:** Baixo Douro, Idade do Bronze, Proto-história; Povoamento; Arouca.

## ABSTRACT

Senhor dos Aflitos (Alvarenga, Arouca) is a hilltop settlement, with a great visual domain for the surrounding territory, walled by a cyclopean type's structure made of simply amonished and aligned large stones. Main archaeological evidence suggests the site may be dated in the end of the Bronze Age (c.1000-800 BC). Some features of a previous occupation are also visible in the place, namely a small phallic menhir and a funerary mound of megalithic tradition. This archaeological site is presented with reference to a small archaeological excavation carried out in 2007, whose results remained unpublished, and discussing its relationship with other Proto-historical sites in the area.

**Keywords:** Low Douro, Bronze Age; Protohistory; Settlement; Arouca.

## INTRODUÇÃO

O Monte do Senhor dos Aflitos (Alvarenga, Arouca), designação tomada da pequena capela aí edificada em meados do século XIX (MADUREIRA 1906: nº 71), era conhecido até aos inícios do século XX como “Coto do Castelo”. É um relevo de perfil tronco-cónico com a cota máxima de 495 metros e grande alcance visual para a região envolvente, nomeadamente sobre o vale de Alvarenga e o rio Paiva, que lhe fica a um quilómetro (Figuras 1 e 2).

Do ponto de vista litológico este relevo situa-se no extremo sudeste de uma mancha magmática conhecida como “Granito de Alvarenga”, composta por granitos não porfiróides, de grão médio a grosseiro onde por vezes predomina a moscovite (MEDEIROS *et al.* 1964: 45), perfeitamente destacada no substrato envolvente das rochas meta-sedimentárias do tradicional “complexo xisto-grauváquico”, ultimamente designadas como “super grupo dúrico-beirão” (VV.AA 2008: 20-1, com referências).

A razão do microtopónimo, entretanto caído em desuso, parece explicada por um autor local em 1906, explicitando que a capela se achava edificada “ao N. d’um planalto com mais de 80 metros de comprimento e 30 de largura, que diz a tradição fôra uma *fortificação dos mouros*, parecendo ainda ter em volta alguns restos de muro tosco” (MADUREIRA 1906, nº 71, itálico original). Todavia, o interesse arqueológico da elevação perma-

neceu por desvendar até aos finais da década de 1980, altura em que ações de prospeção do Centro de Arqueologia de Arouca identificaram evidências de ocupação pré-histórica, para além do povoado proto-histórico, desde então chamado também Castro de Alvarenga ou do Monte do Senhor dos Aflitos (SILVA 1994:47-8; 2004: 248-9). Os restantes elementos arqueológicos registados são um menir e um monumento funerário megalítico, a Mamoa e o Menir do Senhor dos Aflitos (SILVA 2004:171-2).

O primeiro daqueles elementos é um pequeno menir, identificado no topo da encosta sudeste da elevação, em localização não original. Trata-se de um monólito em granito, de secção subtrapezoidal, com 1,40 por 0,25m de lado, com recorte fálco (PEREIRA DA SILVA; SILVA 1994). Na encosta oposta, perto do caminho que conduz à capela, foi localizada a sepultura, um *tumulus* com cerca de 10m de diâmetro por um de altura. Após a escavação, verificou-se que encerrava uma cista megalítica a que servia de base interna uma laje de 1,93 x 0,50m, de contorno fálco. A partir especialmente do espólio votivo recolhido a utilização da sepultura foi situada na Idade do Bronze (PEREIRA 2014).

No que respeita ao povoado proto-histórico, as evidências detetadas cingiam-se aos materiais cerâmicos de superfície e à presença de estruturas de delimitação, nomeadamente à cota superior, os restos de um alinhamento elementar de tipo ciclópico, composto

por grandes blocos de granito e quartzo sem aparelhamento visível. Restos de duas outras cercas pareciam então observar-se a uma altitude inferior, sobretudo na encosta SE, integrando afloramentos naturais, e aparentemente ainda a NO, talvez de menor aparato (SILVA 1994: 47-8; 2004:214), estando presentemente estas estruturas muito descaracterizadas pela florestação intensiva dos terrenos, enquanto no topo da elevação as valas e escomboreiras da exploração de volfrâmio a céu aberto, que ali funcionou entre 1913 e 1945 (VILAR 1998: 197, 207) terão por certo destruído boa parte dos vestígios de ocupação antiga.

O presente texto sintetiza os resultados das primeiras sondagens arqueológicas realizadas na área do povoado proto-histórico, que contribuíram para uma melhor caracterização desta estação (SILVA; LEMOS 2010).

## CONTEXTO DA INTERVENÇÃO

Até ao ano de 2007 a informação arqueológica sobre o povoado resultava da observação das evidências topográficas e da recolha de cerâmicas superficiais. Naquele ano, porém, o projeto de instalação de uma antena de radiocomunicações no topo da elevação levou a Câmara Municipal de Arouca a solicitar parecer às entidades oficiais de tutela do património arqueológico, que condicionaram a execução da obra à escavação prévia da área afetada. Infelizmente, antes que os trabalhos

arqueológicos se iniciassem o sítio arqueológico sofreu significativas e irreversíveis destruições, motivadas pela terraplenagem de uma parte da área superior para criação de uma área de estacionamento automóvel e pelo revolvimento das encostas para plantio florestal.

Neste contexto, a curta campanha de trabalhos arqueológicos que decorreu entre 25 de março e 21 de abril de 2007, constituiu uma medida cautelar do projeto da antena e também de alguma minimização dos estragos efetuados sobre os vestígios arqueológicos identificados. A estação de radiocomunicações foi instalada no topo do monte, cerca de 24 m a norte da capela, realizando-se nesse ponto a sondagem de diagnóstico. Já na fase de obra foram sujeitos a acompanhamento arqueológico todos os trabalhos de escavação e movimentação de terras necessários à implantação da sapata para a antena, contentor técnico e as devidas redes de infraestruturas.

## ESCAVAÇÃO E ESTRATIGRAFIA

De acordo com o projeto de construção da antena foi estabelecida uma área de sondagem de 24m<sup>2</sup>, correspondente a cerca de metade da área afetada diretamente pela implantação daquele equipamento e dividida convencionalmente em quadrículas de 2x2m referenciadas segundo uma matriz alfanumérica.

A escavação revelou uma sequência estratigráfica extremamente simples

(Fig. 4). Após a camada humosa de circulação atual [1], relativamente fina e que incluía apenas materiais culturais contemporâneos, detetaram-se três unidades deposicionais interpretadas como de aterro e abandono do sítio. A superior (UE 2) era composta por terras vegetais castanhas, com algumas manchas cinzentas mais escuras e integrava ainda elementos artefatuais modernos, a par de alguma cerâmica proto-histórica; sucedia-se a UE 3, que correspondia ao nível de ocupação, constituída por uma camada fina (c. 0,10m), relativamente homogénea, compacta, formada por terras de tonalidade negra, com pedras de granito de dimensão média e que forneceu espólio relativamente abundante, exclusivamente proto-histórico.

Seguia-se, apenas no Quadrado I6, o pequeno depósito [4] composto por pedras de granito de pequeno e médio tamanho, envoltas em sedimentos idênticos à camada anterior e sem qualquer espólio, se bem que se tenha colocado a possibilidade de corresponder aos restos de qualquer estrutura desmantelada, o que não se confirmou na fase de acompanhamento de obra. Por fim, apareceu por toda a área escavada o afloramento rochoso natural, não ultrapassando os 0,35m a possança total do aterro, sem que se tenha identificado qualquer evidência estrutural, de natureza edificada ou negativa (Figs. 3 e 5).

Como medida preventiva foi realizado entre novembro e dezembro do mesmo ano o acompanhamento

arqueológico da construção da sapata para a antena e da abertura de algumas valas para implantação de infraestruturas que afetaram cerca de 14m<sup>2</sup>, do que resultou apenas a recolha de escasso espólio arqueológico, sem que se vislumbraassem indícios de estruturas (SILVA; LEMOS 2010).

## ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

O espólio da intervenção compreende essencialmente cerâmica, num total de 222 fragmentos, pertencentes na totalidade a olaria de uso doméstico. Encontra-se quantificado no Quadro 1, onde se registam também as recolhas de superfície efetuadas na ocasião.

Os materiais correspondem a fragmentos de louça manual, essencialmente lisa, com superfícies e cerne geralmente escuros, em tons que variam entre o cinzento e o castanho, pastas relativamente compactas e desengordurantes que incluem pequenos fragmentos de quartzo e alguma mica (Fig. 6). Surgiu apenas um fragmento decorado (UE 3), exibindo uma banda de sulcos incisivos oblíquos sob o bordo (Fig. 7-3). As formas dos bordos parecem denotar um predomínio de potes e vasos de perfil sinuoso, de grandes dimensões, considerando os diâmetros de boca na ordem dos 29-30 cm nos bordos desenhados (Figs. 6 e 7-1 e 2) e com fundos planos (Fig. 7-4). De destacar igualmente o achado de um peso de tear produzido em cerâmica, com perfuração dupla num dos topos, (UE



3), que documenta a prática da tecelagem na estação arqueológica (Fig.7-5).

O espólio lítico está representado somente por três peças, um movente de mó manual em granito (Fig. 7-6), uma pequena lamela em sílex, da mesma UE 3, e dois fragmentos de uma mó de vaivém também em granito, recolhidos à superfície nas imediações.

## DISCUSSÃO

A pequena sondagem realizada no monte do Senhor dos Aflitos, resultante de uma ação de arqueologia preventiva e não de um programa com objetivos mais amplos, não proporcionou, pelo acaso da dispersão dos vestígios materiais e naturalmente pela pequena superfície intervencionada, resultados significativos no que se refere às estruturas domésticas daquela estação. O conjunto artefactual exumado, todavia, revela-se de muito interesse para propiciar, em analogia com o espólio de sítios congêneres, um melhor entendimento da ergologia e cronologia de ocupação do povoado.

Conhecem-se atualmente quatro sítios proto-históricos de altura no concelho de Arouca, todos com indícios de ocupação dos finais da Idade do Bronze ou transição para o Ferro. O castro de Valinhas (SILVA 1995; SILVA; RIBEIRO 1999; SILVA 2004:238-46) e o Monte Coruto (SILVA 1994: 48) são cabeços dominantes, como o do Senhor dos Aflitos, mas coroados por conjuntos graníticos imponentes, tipo “caos de blocos” no primeiro caso e, nesse particular, bem distintos do sítio de Alvarenga, sendo que também não possuímos informações sobre as estruturas domésticas ou estruturas de delimitação em qualquer deles, tanto mais que o do Coruto não teve escavações arqueológicas. Já a Cividade, no vale de Arouca, parece ter alguma afinidade orográfica com o Senhor dos Aflitos, por ser um cabeço com uma superfície culminante relativamente reduzida e integralmente delimitado por estruturas pétreas de contenção, mas as diferentes modalidades que essas estruturas apresentam na Cividade (SILVA 2004:250-1; SILVA; LEITE 2010) não parecem por ora ter grande correspon-

UE	Quadrados	Cerâmica Doméstica							Outros Materiais	Totais
		Bordos	B./Asa	Asas	Fundos	Panças	Outros	Total	Líticos	
002	G5/G6/G7	0	0	0	0	5	0	5	0	5
003	F6/G5/6/7/8/H6/16	9	0	0	0	166	7	182	2	184
Superfície 2007		1	0	0	5	22	0	28	2	30
Acomp. Valas 2/3/4		0	0	1	0	2	0	3	0	3
Acomp. Vala 5		0	0	0	0	3	0	3	0	3
Acomp. Vala 6		0	0	0	0	1	0	1	0	1
Totais		10	0	1	5	199	7	222	4	226

Quadro 1: Distribuição do espólio arqueológico.

dência com os muros que defendiam, no sentido físico e simbólico, o espaço residencial do Senhor dos Aflitos.

O espólio cerâmico recolhido em Alvarenga concentra-se quase na totalidade num único depósito estratigráfico, a UE 3, que apesar da sua pouca possança forneceu, cruzando a quantidade de recolhas com o volume escavado, uma média de 25 fragmentos por metro cúbico de escavação, valor não despreciando por comparação, por exemplo, com a densidade de recolhas cerâmicas na Cividade (SILVA; LEITE 2010:155).

Esta cerâmica parece muito próxima, nas suas pastas, repertório formal e aparente escassez de elementos decorativos, dos materiais exumados na Cividade, até porventura dos de recolha superficial no Coruto e ainda, a uma escala geográfica mais ampla das cerâmicas recolhidas na escavação dos povoados de São Julião, Albergaria-a-Velha (SILVA *et al.* 2015; 2016) ou do Monte Calvo, Oliveira de Azeméis. Tal aproximação, todavia, requer aprofundamento e cuidada análise de pastas e técnicas de fabrico e ornamentação, atendendo ao relativamente pouco variado elenco formal que as louças deste período parecem apresentar em todo o Norte de Portugal, como se observa nas principais tipologias publicadas (SILVA 1986; MARTINS 1990; BETTENCOURT 2000). Os restantes elementos da coleção artefactual – o peso de tear, os moventes de moinho de vai-vém e a lamela em sílex – são comuns neste género de contextos e

pouco adiantam em termos funcionais, tipológicos ou cronológicos.

A coexistência no mesmo espaço físico do povoado proto-histórico do menir e do monumento megalítico não pode deixar de suscitar reflexão. O primeiro, ainda que deslocado da implantação original, uma vez que foi reutilizado como marco de propriedade, não terá sido achado, por razões pragmáticas, muito afastado da sua origem, considerando as circunstâncias do seu enquadramento topográfico. O pároco local que nos começos do século passado ensaiou a apresentação monográfica da freguesia explicitou que a capela do Senhor dos Aflitos se localizava “no sítio da *Pedra Aguda*, ao cimo d’uma elevada colina...” (MADUREIRA 1906, nº 71, itálico original). É tentador, quanto arriscado, aproximar este detalhe topónimo do menir, mas também é verdade que os afloramentos graníticos são no presente relativamente rasantes e a sua litologia –salvo qualquer fenómeno erosivo que as explorações mineiras possam porventura ter feito desaparecer– não proporciona formas angulares. De um ou outro modo devemos considerar o menir como tendo estado, muito possivelmente, dentro dos limites do povoado da Idade do Bronze, o que é sugestivo quanto à sua datação ou apropriação ritual.

Algo diferente, mas não muito, sucede com o montículo funerário da encosta SE, a Mamoia do Senhor dos Aflitos. Monumento difícil de caracterizar à época da sua descoberta, pela irregularidade do *tumulus* e a proximidade

a alguns afloramentos rochosos (SILVA 2004:171); quase destruído por maquinaria pesada em finais de 2006, viria a revelar após a sua escavação a presença de uma “cista de tradição megalítica” de grandes dimensões (PEREIRA 2014:10) relativamente bem preservada, considerando as malfeitorias precedentes, e com a circunstância de possuir na sua base, em jeito de pavimento, uma laje afeiçoada em contorno fálco, que o autor da escavação aproxima de uma estela-menir (*Idem*, p. 12). Com base nas características arquitetónicas e no espólio, G. Pereira propõe que o monumento possa datar da transição do 3º para o 2º milénio a.C., Bronze Inicial, tendo sido re-utilizado alguns séculos mais tarde senão mesmo já no Bronze Final (*Ibid.*, 13).

A ser assim, fosse como sepulcro coevo ou monumento respeitado ou simbolicamente reapropriado, o diálogo entre o montículo funerário e os habitantes do povoado cimeiro afigura-se incontornável, levantando questões de certo modo similares às que se oferecem num outro sítio do Bronze Final já aqui mencionado, São Julião, em Albergaria-a-Velha, onde ainda mais claramente um *tumulus* se conservou dentro do recinto do povoado, embora a escavação esteja em curso e não possam por ora adiantar-se mais detalhes (SILVA *et al.* 2015; 2016).

O Senhor dos Aflitos oferece-se assim, fruto da sondagem ali realizada, posto que limitada em extensão e resultados, e das problemáticas arqueológicas que o sítio suscita, como uma

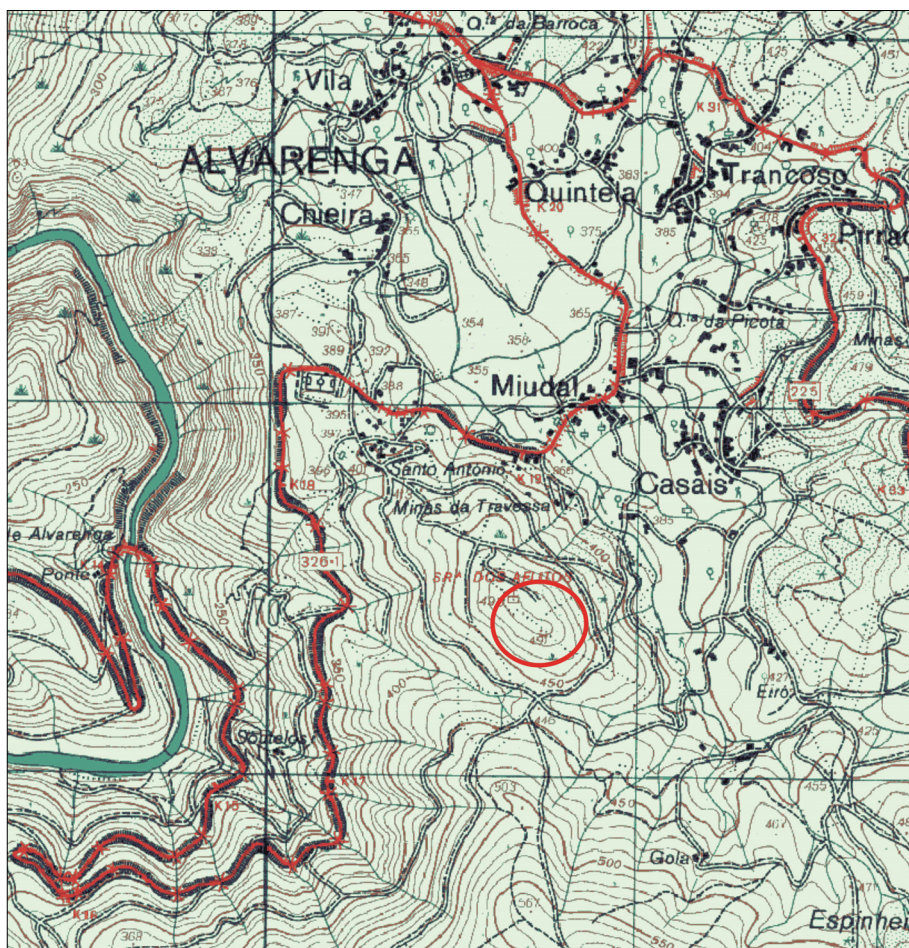
estação de grande potencial para o estudo da ocupação proto-histórica da bacia terminal do Douro.

## BIBLIOGRAFIA

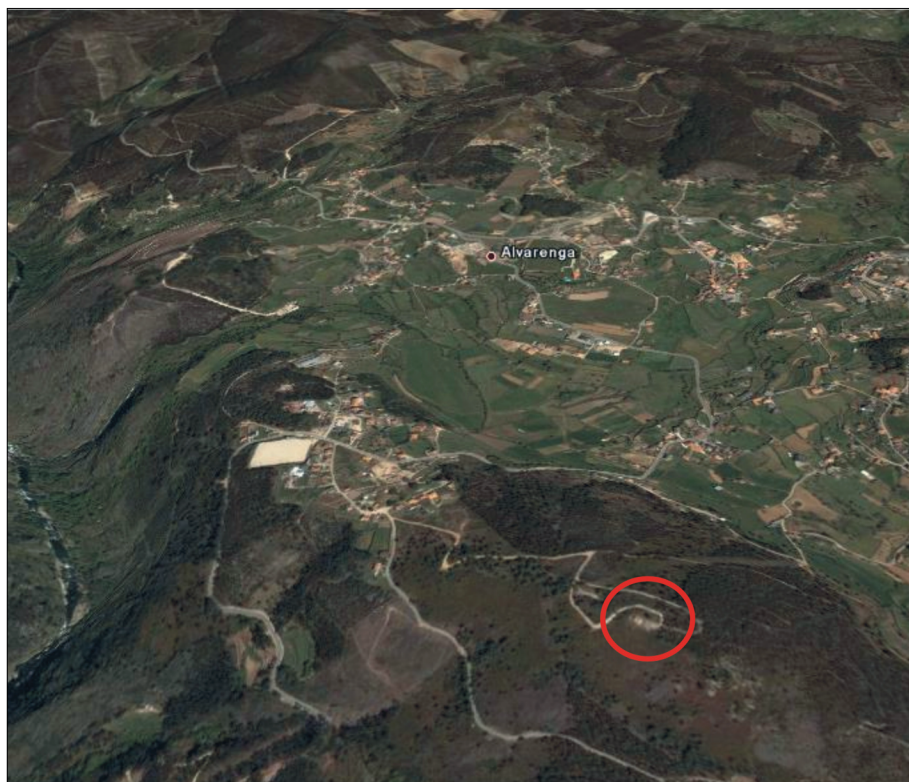
- BETTENCOURT, Ana M. S. (2000) – *Estações da Idade do Bronze e inícios da Idade do Ferro da bacia do Cávado (Norte de Portugal)*. Braga: Universidade do Minho
- MADUREIRA, Manuel Pinto de Paiva (1906-1907) – Alvarenga. Monographia d’esta paróquia. *Gazeta de Arouca*, 69-89, Arouca, Dez.1906 – Mai.1907
- MARTINS, Manuela (1990) – *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*. Braga: Universidade do Minho
- MEDEIROS, Artur C. (1964) – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da Folha 13-B – Castelo de Paiva*. [Estudos petrográficos de L. Pilar e A. P. Fernandes]. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal
- PEREIRA, Gabriel R. (2014) – A Sepultura sob *tumulus* do Senhor dos Aflitos (Alvarenga/Arouca, Centro-Norte de Portugal). Primeiros resultados. *Estudos do Quaternário*. 10. Braga, p. 3-14
- PEREIRA DA SILVA, Fernando; SILVA, António Manuel S. P. (1994) – Menires de Alvarenga e da Serra da Freita (Arouca, Aveiro): Breve Notícia. *Actas das 5ªs Jornadas Arqueológicas*. 2. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 109-23
- SERVIÇOS Geológicos de Portugal (1963) – *Carta Geológica de Portugal à escala 1:50 000*. Folha 13-B (Castelo de Paiva)

- SILVA, Armando C. F. (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal/Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins
- SILVA, António Manuel S. P. (1994) – *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*, Porto: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- SILVA, António Manuel S. P. (1995) – Escavações arqueológicas em S. João de Valinhas. Do primitivo castro ao castelo de Arouca. *Poligrafia*, 4. Arouca, p. 199-220
- SILVA, António Manuel S. P., coord. (2004) – *Memórias da Terra, Património Arqueológico do Concelho de Arouca*. Arouca: Câmara Municipal
- SILVA, António Manuel S. P.; LEITE, Joana N. (2010) – The place of Cividade. An approach to Late Bronze/Iron Age transition in Arouca valley (NW Portugal). In BETTENCOURT, A.; SANCHES, M.; ALVES, L.; FABREGAS VALCARCE, R. (eds.) - *Conceptualizing space and place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Paleolithic to the Iron Age in Europe*. Oxford: Archeopress, p. 153-60
- SILVA, António Manuel S. P.; LEMOS, Paulo A. P. (2010) – *Trabalhos Arqueológicos decorrentes da instalação de uma estação de radiocomunicações no Monte do Senhor dos Aflitos - Alvarenga, Arouca (2007). Relatório Final*. Arouca: Centro de Arqueologia de Arouca. Dactilog.
- SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Gabriel R.; LEMOS, Paulo A. P.; ALMEIDA e SILVA, Sara (2015) – Escavações arqueológicas em São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha). Campanhas de 2014-2015. *Albergue. História e Património do Concelho de Albergaria-a-Velha*. 2. Albergaria-a-Velha: Câmara Municipal, p. 59-91.
- SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Gabriel R.; TAVARES, João T.; LEMOS, Paulo A. P.; ALMEIDA E SILVA, Sara (2016) – Proto-história da Baía do Antuá (2011-2015) - um projeto de investigação arqueológica em rede. *Patrimónios de OAZ*. Nº 0. Oliveira de Azeméis: Câmara Municipal, p. 77-96
- SILVA, António Manuel S. P.; RIBEIRO, Manuela C. S. (1999) – A intervenção arqueológica em S. João de Valinhas (Arouca, Aveiro). Do povoado castrejo ao castelo da Terra de Arouca. In *Carlos Alberto Ferreira de Almeida - In memoriam*. 2. Porto: Fac. Letras Univ. do Porto, p. 363-374
- VILAR, António (1998) – *O Volfrâmio de Arouca no contexto da segunda Guerra Mundial (1939-1945)*. Arouca: Câmara Municipal
- VV.AA (2008) – *Geoparque Arouca. Geologia e Património geológico*. Arouca: Câmara Municipal

FIGURAS



**Fig. 1:** Localização do Monte do Senhor dos Aflitos na freguesia de Alvarenga (Arouca). Carta Militar de Portugal nº 145.



**Fig. 2:** Localização do Monte do Senhor dos Afritos (Foto GoogleMaps).



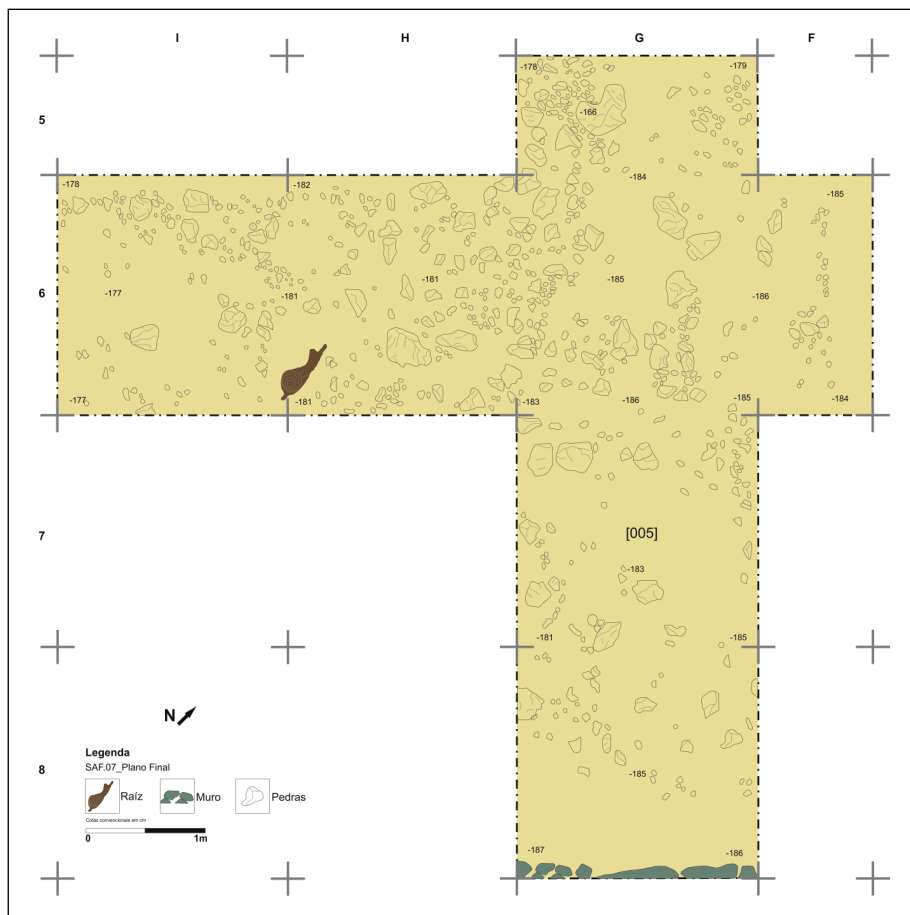


Fig. 3: Plano final da sondagem (UE 5).

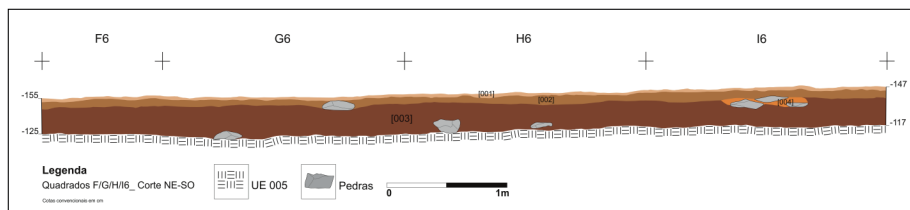


Fig. 4: Corte NE-SO - Quadrados F/G/H/I6.

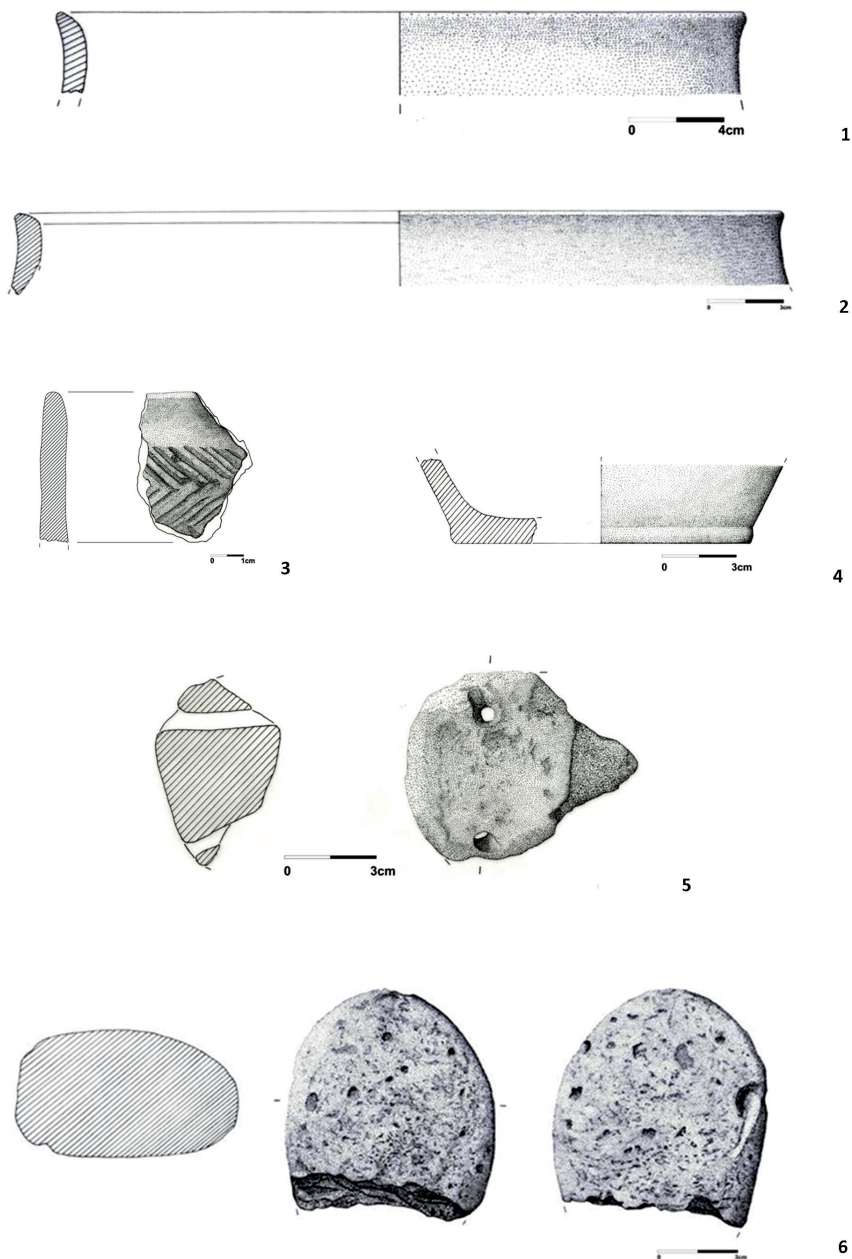


**Fig. 5:** Aspeto final dos traballos na área da sondagem.



**Fig. 6:** Fragmentos de bordos (UE 3).





**Fig. 7:** Espólio cerâmico e lítico do Senhor dos Aflitos: 1, 2- Bordos de potes (UE 3); 3- Bordo decorado (UE 3); 4-Fundo de vaso (superf.); 5 - Peso de tear em cerâmica (UE 3); 6 - Movente em granito (UE 3). Desenho: Carlos Gonçalves.